

O cartel dos devedores, pragmático e responsável.

Um dos aspectos mais importantes desse acordo financeiro latino-americano, que levou ao resgate da Argentina na undécima hora, talvez não possa ser avaliado em sua plenitude, seja pelo público em geral, seja por observadores acadêmicos, ou até mesmo por jornalistas especializados em economia. Mas qualquer homem de negócios, seja ou não da área financeira, saberá que a importância do que aconteceu está no fato de ter havido uma restauração de confiança — elemento um tanto abstrato para quem não faz parte do mundo dos negócios, mas absolutamente essencial ao bom funcionamento deste.

O primeiro fato relevante foi que nenhum dos envolvidos quis pagar para ver quais seriam os resultados práticos do default argentino. Muitos intelectuais e observadores diletantes podem perfeitamente especular sobre tais resultados; podem discutir sua natureza; podem divergir sobre se serão bons ou maus. Os homens de negócios — e nesse caso as autoridades financeiras dos países em questão agiram como homens de negócios — não pagam para ver uma coisa dessas, preferem que ela não aconteça, pois o desastre que poderia provocar, mesmo que pouco provável, seria de tais proporções que não se poderia correr o risco. É como no famoso jogo da roleta-russa: num revólver de seis tiros a probabilidade contra o jogador é de apenas 16,6%, pequena, portanto; só que, uma vez verificada, o resultado é a morte, de modo que não é aconselhável jogar o jogo.

No caso da Argentina, além de não terem aceito o risco, as partes envolvidas uniram-se para evitá-lo.

Isso tudo provocou entre os homens de negócios do mundo inteiro, e particularmente entre os banqueiros, um efeito salutar: de um lado, convenceram-se de que o grau de responsabilidade dos governos devedores é elevado, apesar de tudo o que têm passado; de outro, aprenderam que, na iminência do perigo, sempre é possível uma solução conjugada e coordenada, a despeito de desavenças políticas e destemperos retóricos.

Neste momento muitos banqueiros já estarão pensando com seus botões que, afinal, aquela atitude de simplesmente fechar os guichês assumida em Toronto, há quase dois anos, talvez tenha sido um tanto precipitada e exagerada. O risco que eles imaginaram haver de inadimplência dos principais credores não era nem tão iminente nem tão palpável como parecia; e não desapareceu — ao contrário, aumentou — com a atitude que tomaram. Apesar disso, acaba de ser evitado novamente; e talvez eles estejam pensando, neste momento, que, em última análise, só perderam oportunidades de ampliar seus negócios com esta confusão toda.

A demonstração evidente de que os governos não deixam a peteca cair, como se diz, dada no caso da Argentina, será um elemento importante nas negociações e considerações sobre a dívida externa, entre os homens de negócios, daqui para a frente.

Outra observação que nos parece importante fazer neste momento é que o governo argentino conseguiu, de algum modo, uma solidariedade dos seus parceiros mais importantes da América Latina, ao mesmo tempo em que se comprometeu — implicitamente, é claro — a “não virar a mesa”, aceitando jogar o mesmo jogo que todos têm jogado, e que começa, sempre, com uma famosa carta de intenção ao FMI, qualquer que seja ela.

Só que agora, queiram ou não queiram os credores, está formado — sem que isso seja dito — uma espécie de time novo que obviamente entrou em campo com a intenção de jogar direito, mas também de mudar pacificamente as regras mais ortodoxas. Isso parece evidente e viabiliza uma das propostas ainda recentemente feitas pelo ex-ministro Simonsen, a de que os países endivi-

dados comecem a pressionar, numa ação diplomática mais ou menos coordenada, dentro do Grupo dos 24, do próprio FMI, para conseguir a mudança de regras. A propósito, a reunião do importante Comitê Interino de ministros, do FMI, marcada para o próximo dia 12, ou muito nos enganamos, ou poderá já refletir um pouco essas novas circunstâncias e revelar certo arejamento interior — um prognóstico que deixamos sujeito, é claro, a retificações.

Estamos também atentos para o fato de que a Argentina, beneficiada talvez por um clima internacional mais sereno e uma conjuntura interna politicamente menos deteriorada do que aquela em que o Brasil se encontrava quando começou a negociar com o FMI, pôde resistir às pressões sobre suas reservas, preservando parte delas e ganhando, deste modo, maior fôlego para negociar. O Brasil, conforme estamos lembrados, não conseguiu resistir à voragem das promissórias, esgotou suas reservas todas com a esperança de acalmar os credores e logo reconstituí-las, mas só conseguiu mergulhar, sem reservas, na fase de atrasos de pagamentos. A Argentina tem atrasados, mas ainda tem reservas, que lhe garantem, pelo menos, o *front* das importações essenciais. O “sufoco” brasileiro foi muito maior, uma vez que só agora estamos podendo reconstituir reservas que permitam um nível mínimo de segurança. O que também nos dá a medida da situação de descrédito e desmoralização a que chegaram nossas autoridades no ano passado.

Formou-se, inegavelmente, com este episódio — de maneira pragmática e responsável — o cartel de devedores, que os credores tanto temiam — e, para falar a verdade, nós também, dadas as deploráveis tendências para manifestações de *sudamericanidad*. Para agradável surpresa, porém, trata-se de um “cartel” formado para cumprir compromissos e não para repudiá-los. Um cartel com potencial muito construtivo, diríamos nós. Esperemos que isso seja devidamente apreciado e analisado — como aliás já vem sendo pela grande imprensa americana — nos setores burocráticos e financeiros do Continente. O governo norte-americano, principalmente, precisa ter sensibilidade para o que lhe oferece o episódio, em termos de possível restauração do seu prestígio na América Latina. Notem que o presidente Alfonsín se referiu à atitude “positiva e realista” do governo norte-americano, o que, considerado o estado recente das relações entre os dois países, é sinal preciosíssimo de que aquele potencial construtivo pode render, no interesse maior de cada um dos membros do Hemisfério.